



Oração

Ó Deus, que por mediação da Santíssima Virgem concedestes inúmeras graças a São Josemaria, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres quotidianos do cristão, fazei com que eu também saiba converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar e de servir, com alegria e simplicidade, a Igreja, o Romano Pontífice e as almas, iluminando os caminhos da terra com a luz da fé e do amor. Concedei-me por intercessão de São Josemaria o favor que Vos peço... (peça-se). Ámen.

Pai nosso, Ave Maria, Glória

Este Boletim Informativo é distribuído gratuitamente. Quem quiser colaborar nas despesas de edição pode enviar os donativos para: Prelatura do Opus Dei, R. Esquerda, 54, 1600-447 Lisboa; ou então, por transferência bancária, para a conta NIB 003521680000787323008 da Caixa Geral de Depósitos.

Imprimatur: + Javier Echevarría, Prelado do Opus Dei

Peregrinação: Paco Emiliano

S. Josemaria Escrivá



- A dignidade da vida humana
- Um oratório em Lisboa dedicado a S. Josemaria
- A sua primeira peregrinação a Fátima
- Graças obtidas por sua intercessão

Prelatura do Opus Dei • Boletim Informativo nº 2
Setembro de 2006



S. Josemaría com o Papa Paulo VI (cujo processo de canonização está actualmente em curso), durante uma visita ao "Centro Elis", um centro de formação profissional que o Opus Dei promoveu num bairro operário da cidade de Roma, a pedido do Beato João XXIII.

S. Josemaría Escrivá nasceu em Barbastro, em Espanha, a 9 de Janeiro de 1902. Foi ordenado sacerdote aos 23 anos. No dia 2 de Outubro de 1928 fundou, por inspiração divina, o Opus Dei.

Faleceu repentinamente em Roma a 26 de Junho de 1975, quando acabava de olhar com muita devoção para a imagem de Nossa Senhora do seu gabinete de trabalho. Nesse momento, o Opus Dei estava espalhado pelos cinco continentes e contava com mais de 60.000 membros de 80 nacionalidades.

O Santo Padre João Paulo II canonizou o Fundador do Opus Dei em Roma, a 6 de Outubro de 2002.

A sua festa litúrgica celebra-se a 26 de Junho.

O corpo de S. Josemaría Escrivá repousa na igreja prelatícia de Santa Maria da Paz – viale Bruno Buozzi, 75, Roma.

Fotografia da capa: Sempre que vinha a Portugal, S. Josemaría passava por Fátima. Desta vez, em 1970, a fotografia apanhou-o quando descia da Basílica para a Capelinha, no momento em que reconhece o fotógrafo e se dirige a ele para o cumprimentar. Agora, que S. Josemaría está com o processo de canonização em curso no Santuário do Céu, a imagem vale para todos nós, para nos recordar que os Santos são amigos que temos junto de Deus.

Estimado leitor

Estando neste momento a decorrer em Roma os processos de canonização de vários fiéis da prelatura do Opus Dei, é natural que muitos tenham interesse em receber informações biográficas mais completas sobre estas pessoas e o espírito que as animava.

O número anterior, dedicado a D. Álvaro del Portillo, procurou responder a esse desejo. A escolha justificava-se pela relevância eclesial de D. Álvaro e por ser uma personalidade conhecida de muitos dos nossos leitores. Efectivamente, realizou bastantes viagens a Portugal e teve numerosos encontros com pessoas da nossa terra. Era, aliás, uma pessoa muito estimada em todo o mundo. Quando faleceu, receberam-se muitos milhares de cartas, dos vários continentes, a proporem o início da sua causa de canonização, entre as quais havia centenas de cartas de bispos, 35 dos quais cardeais, de 25 países.

O tema do presente número centra-se na vocação de S. Josemaría, cuja mensagem está na origem da santidade de D. Álvaro del Portillo e das outras pessoas do Opus Dei, de diversas profissões e provenientes de vários continentes do mundo, cujos processos de canonização estão actualmente em curso.

Que têm de comum o engenheiro suíço Toni Zweifel (dedicado à investigação científica e principal activista de uma ONG dedicada ao desenvolvimento dos países pobres), o Prof. Ernesto Cofiño (pai de uma família numerosa, médico e benemérito da Guatemala), a estudante catalã Montserrat Grases (cheia de alegria, falecida com apenas 18 anos de idade) e tantos outros, homens e mulheres, casados ou solteiros, cujas vidas a Igreja investiga cuidadosamente com vista à sua canonização?

No arranque desta maravilhosa floração de santos, em todo o mundo, está a fidelidade de S. Josemaría, que viu, em determinado momento do dia 2 de Outubro de 1928, o espírito do Opus Dei, que Deus queria que ele fundasse. S. Josemaría foi fiel ao encargo que recebeu e Deus premiou a sua resposta generosa com uma fecundidade extraordinária.

A explicação é esta. Repetiu-se o que Nosso Senhor dizia aos seus Discípulos: **Eu escolhi-vos para que deis fruto e que o vosso fruto permaneça** (Jo 15, 16).

Ou, como dizia S. Josemaría: **Deus nunca se deixa vencer em generosidade** (Cristo que Passa, 40).

Lisboa, Setembro de 2006

Universidad de Navarra
Servicio de Bibliotecas

A história do cristianismo e a defesa da vida humana

Os primeiros cristãos inauguraram um tempo de maior respeito pelas pessoas e a sua dignidade de filhas de Deus, que se aprofunda à medida que as sociedades se aproximam de Deus e chega a retroceder, num ou noutro aspecto, em épocas de crise espiritual.

Nos nossos dias, tão marcados por contrastes, tanto encontramos extraordinárias conquistas éticas e exemplos de santidade, como notícias de degradação da condição humana, até ao desrespeito pela vida. Não admira que alguns dos temas mais importantes no ensino da Igreja primitiva voltem a ser tão falados na actualidade.

No Império Romano, o aborto e as práticas anticonceptivas pareciam uma solução lógica para as dificuldades da vida e a sociedade pagã surpreendia-se de que os cristãos respeitassem as crianças ainda não nascidas, ou condenassem a anticoncepção e a corrupção dos jovens. O catecismo mais antigo que se conserva ilustra assim estas preocupações: "Não matarás, não adulterarás, não corromperás os jovens, não fornicares, não roubarás, não praticarás a magia nem a feitiçaria, não matarás o filho no seio da sua mãe, não tirarás a vida ao recém-nascido, não invejarás os bens do teu próximo" (*Didaké* 2, 2). Noutro texto dos primórdios do cristianismo, lê-se: "é um homicídio premeditado impedir o nascimento: (...) já é um ser humano, aquele que o virá a ser" (Tertuliano, *Apologeticum* 9, 8).

Como estes problemas antigos voltaram à ribalta, a Igreja do nosso tempo não se cansa de recordar os Direitos Humanos, nomeadamente contra o aborto. O Concílio Vaticano II declarou, com grande solenidade, que "a vida deve ser protegida com o



maior cuidado desde o próprio momento da concepção: o aborto, tal como o infanticídio, são crimes abomináveis" (*Gaudium et spes*, 51). Por todo o mundo, os Bispos e as Conferências Episcopais se têm pronunciado e os últimos Papas, João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II e Bento XVI, têm insistido sem interrupção nestes princípios.

É inevitável que todos os Santos do século XX se tenham manifestado em defesa da vida humana. S. Josemaria, que tinha um apreço tão especial pela santidade da família, não podia ser excepção. Reproduzimos, a seguir, um trecho de um encontro com centenas de pessoas, fiéis do Opus Dei e amigos, durante a catequese que realizou em Portugal e Espanha, em 1972.

— Meus filhos, quero que sejais felizes. E sê-lo-eis se não destruídes as fontes da vida, na vossa vida conjugal, conforme é vontade de Deus.

Contei há dias, e parece-me que o repeti duas ou três vezes, o que se passou com um filho meu, chinês, que é médico. A família dele teve de fugir do país. Talvez ele regresse, se as coisas melhorarem: rezemos. Tinha exercido medicina num país da América, e passou dois anos comigo em Roma. Um dia, disse-me:

— Padre, vou contar-lhe uma coisa que aconteceu comigo.

É uma história verdadeiramente original. Apareceu uma senhora dos Andes (...) a dizer-lhe que queria abortar. Este médico explicava-lhe:

— Isso não se pode fazer! É um crime! Isso é um assassinato!

Eu subscrevo que é um assassinato diabólico: um assassinato diabólico, porque o pobre bebé nem se pode defender... (...).

Quando viu que não convencia aquela senhora, que iria certamente procurar outro médico, teve uma moção verdadeiramente sobrenatural: uma espécie de juízo salomónico. Perguntou-lhe:

— Quantos filhos tens?

A índia respondeu que tinha seis ou sete.

— E que idade tem o mais velho?

— Nove anos.

— Por que é que agora não queres ter este?

— Porque não lhes posso dar de comer.

Então, este meu filho disse-lhe:

— Pois, este que vai nascer, não; mas traz-me o de nove anos para eu o matar.

A mulher deitou as mãos à cabeça:

— Não! Não!

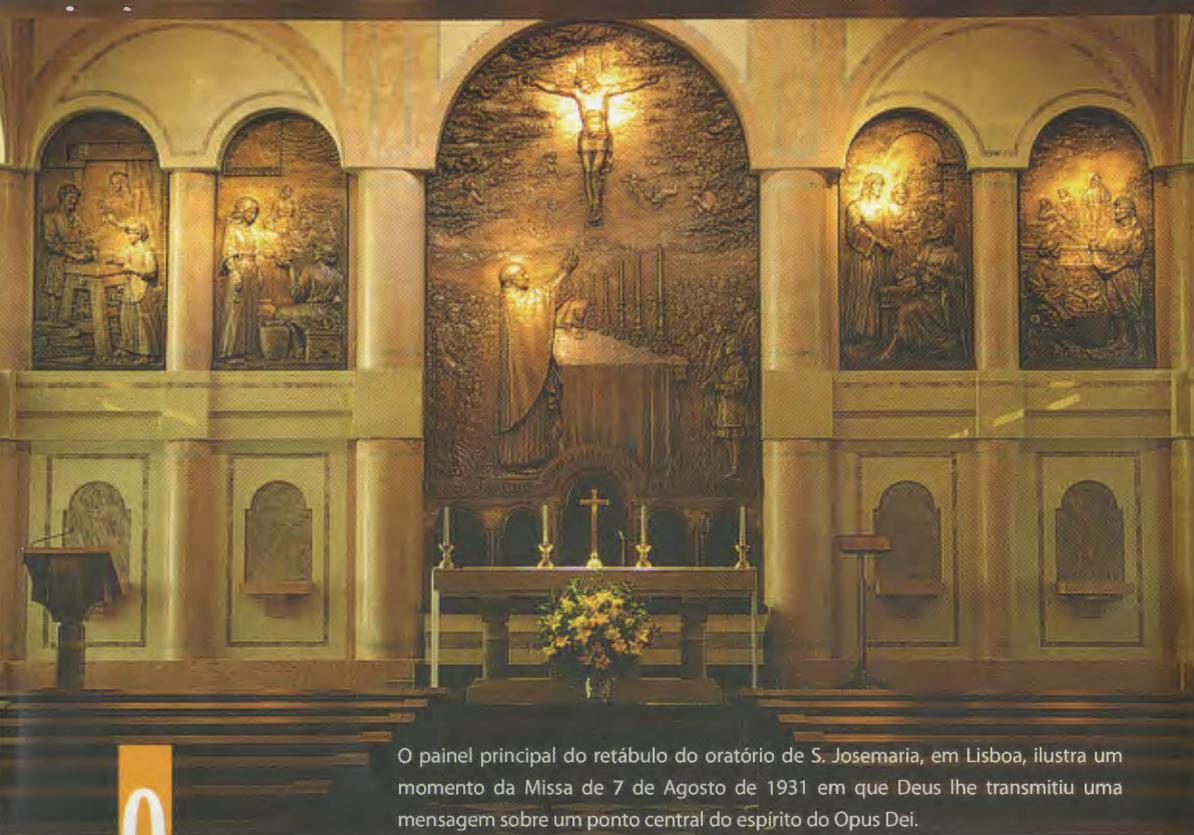
O médico argumentava:

— Esse é quem come mais! Em contrapartida, aquele que vai nascer não consome quase nada, porque tu é que lhe dás de mamar.

Com toda a ternura, S. Josemaria rematou esta história tão exótica, e ao mesmo tempo tão expressiva, com um desafio ao sentido de responsabilidade das raparigas com quem falava:

— Não se devem invocar argumentos destes, com uma mulher cristã; basta-lhe a lei de Deus. (...) Minhas filhas! Que as vossas amigas aprendam convosco, com o vosso bom exemplo (*Arquivo Geral da Prelatura, Secção P, 04/II, 779-780*).





O painel principal do retábulo do oratório de S. Josemaria, em Lisboa, ilustra um momento da Missa de 7 de Agosto de 1931 em que Deus lhe transmitiu uma mensagem sobre um ponto central do espírito do Opus Dei.

“Quando for levantado sobre a terra, atrairei a Mim todas as coisas”

O painel central do retábulo do oratório de S. Josemaria, em Lisboa, simboliza o momento em que Deus iluminou o conteúdo da vocação ao Opus Dei, fazendo S. Josemaria ouvir estas palavras: **Quando for levantado sobre a terra, atrairei todas as coisas a Mim.**

Todo o retábulo dessa capela, constituído por painéis de cobre modelados pelo Mestre Alípio Pinto, representa cenas evangélicas relacionadas com a mensagem confiada por Deus a S. Josemaria, mas é a peça central que fornece a chave de interpretação do conjunto, ao recordar que a *presença* dos cristãos no mundo tem um valor vocacional e que esse chamamento à santidade, à união com Cristo, culmina no momento sacramental da Eucaristia, em que oferecemos a Deus todos os nossos afazeres.

A história remota desta frase que S. Josemaria ouviu um dia, quando celebrava a Missa, em 1931, está contada numa passagem bem significativa do Evangelho.

Jesus estava a poucos dias de morrer. Alguns gregos vão ter com os Apóstolos para conhecerem o Mestre: **desejamos ver Jesus** (Jo 12, 21). Jesus encontrava-Se com os Discípulos, confidenciando-lhes a sua angústia pelo que se aproximava: **Como está perturbada a minha alma! E que direi**

Eu? Pai, livra-Me desta hora? Mas foi para isto que cheguei a esta hora (Jo 12, 27). **Quem ama a sua vida, perdê-la-á** (Jo 12, 25). Em resposta, ouve-se, do Céu, a voz poderosa de Deus Pai. **O povo, que estava ali e ouvira, dizia que tinha sido um trovão. Outros diziam: «Um anjo Lhe falou»** (Jo 12, 29).

André e Filipe estavam ali com os gregos. Que podia Jesus dizer a estes pagãos, que mal O conhecem e que vão ficar escandalizados, em breve, quando ouvirem a notícia da sua condenação à morte?

Antes do escândalo, já Jesus lhes dava a chave para entenderem o que se ia passar: **Quando for levantado sobre a terra, atrairei todos a Mim** (Jo 12, 32).

O Evangelista S. João acrescenta que Jesus **dizia isto para indicar de que morte havia de morrer** (Jo 12, 33). Efectivamente, *ser levantado sobre a terra* era o eufemismo usado na época para designar a sentença de morte na cruz.

A sabedoria de Deus manifesta-se nesta mensagem que eles, ao princípio, só podiam perceber a meias, mas que, pouco a pouco, se iria revelando, iluminada pelos acontecimentos.

A frase de Cristo é mais do que explicar que iria atrair todo o mundo a Deus quando estivesse pregado na Cruz, porque as palavras da Escritura conservam uma novidade perene, que nunca lhes esgota o sentido, como se tivessem sido acabadas de pronunciar pela primeira vez em cada momento da História. Embora as palavras sejam as mesmas, Deus continua a falar com os homens através delas, extraindo **coisas novas e coisas antigas** (Mt 13, 52) desse tesouro inesgotável.

As palavras de Jesus nunca deixaram de ecoar no coração de Nossa Senhora, que **guardava todas as coisas no seu coração** (Lc 2, 51) e continuam presentes no coração da Igreja e no coração dos Santos, com aquela actualidade própria das coisas de Deus. Esta novidade manifestou-se de uma maneira muito especial no dia 7 de Agosto de 1931, no momento em que S. Josemaria celebrava a Eucaristia. Estas são as palavras com que ele registou esta experiência no seu diário:

7 de Agosto de 1931: (...) Na Missa, chegou o momento da Consagração: ao elevar a sagrada Hóstia, sem perder o devido recolhimento, sem



Pormenor do retábulo, que representa o momento em que S. Josemaria percebeu que Cristo lhe dizia: **Quando for levantado no alto, sobre a terra, atrairei a Mim todas as coisas.**



Aspecto do interior do oratório de S. Josemaría. O painel central do retábulo é o que se refere à frase **quando for levantado sobre a terra atrairei a Mim todas as coisas**. Os painéis laterais representam cenas do Evangelho

Os painéis laterais com representações de cenas do Evangelho



me distrair (...), veio-me ao pensamento, com força e clareza extraordinárias, aquela passagem da Escritura: *et Ego si exaltatus fuero a terra omnia traham ad meipsum*. (...) E compreendi que serão os homens e as mulheres de Deus quem há-de erguer a Cruz com os ensinamentos de Cristo sobre o pináculo de todas as actividades humanas... E vi Cristo, atraindo a Si todas as coisas. (...) E o conceito preciso: (...) estou a dizer-te que

Me haveis de colocar no alto de todas as actividades humanas; que, em todos os lugares do mundo, há-de haver cristãos, com uma dedicação pessoal e libérrima, que sejam outros Cristos (cf. Andrés Vázquez de Prada, *Josemaría Escrivá*, Editorial Verbo, 2002, vol. I, p. 348).

Naquele contexto da Missa, as palavras de outrora enriqueceram-se com um sentido novo, como convite dirigido aos cristãos para que unissem toda a sua vida à oferta de Cristo na Cruz, renovada sacramentalmente no Sacrifício do Altar. Com um poder de síntese verdadeiramente divino, Deus resumia um aspecto central da vocação ao Opus Dei numa só frase!

O ponto fundamental desta mensagem é a identificação do cristão com Cristo: Cristo está presente no mundo se os cristãos forem Cristo, e está presente de um modo especial na Missa. **Quando lutamos por ser verdadeiramente *ipse Christus*, o próprio Cristo, então o humano e o divino entrelaçam-se na nossa vida. Todos os nossos esforços – mesmo os mais**

insignificantes – adquirem um alcance eterno, porque vão unidos ao sacrifício de Jesus na Cruz (*Via Sacra*, 10, 5).

O Sacrifício de Cristo na Cruz actualiza-se sacramentalmente na Santa Missa e, portanto, o momento culminante da santificação do homem, do trabalho, do mundo, consiste na participação na Missa. **Caríssimos: Jesus urge-nos. Quer ser levantado de novo, (...) na glória de todas as actividades humanas, para atrair a Si todas as coisas. (...) Mas, para cumprir esta vontade de (...) Cristo, é preciso (...) que sejais almas de Eucaristia (...). Assim**, continua o Fundador do Opus Dei, **os homens reconhecerão em vós «outros Cristos»**.

A imagem de Cristo que se propõe a Si próprio aos cristãos **levantado ao alto** é, em si mesma, um convite muito sugestivo à oração contemplativa, que o Papa João Paulo II definiu como “programa da Igreja para o terceiro Milénio” e o Papa Bento XVI retomou.

Como outrora, no deserto, os judeus se salvavam como que *deixando-se hipnotizar* por uma figura levantada ao alto (Num 21, 8-9), nós somos salvos *pelo rosto de Cristo que nos atrai*, levantado sobre a Cruz, como Ele próprio explicava: **Do mesmo modo que Moisés levantou a serpente no deserto, assim tem de ser levantado o Filho do Homem, para que todo aquele que crê n’Ele tenha a vida eterna** (Jo 3, 14-15).

Os gregos queriam *ver Jesus* e Jesus diz, aos daquele tempo e a nós, que *O havemos de contemplar levantado sobre a Cruz*. Mais, seremos nós próprios que, unindo a nossa vida ao Sacrifício da Missa, realizaremos a maravilha de atrair todos os homens ao Senhor. Assim, continua o Fundador do Opus Dei, **os homens reconhecerão em vós «outros Cristos»**. Unidos a Ele no nosso trabalho diário, nas mil e uma circunstâncias humanas da nossa vida simples de cristãos correntes, realizaremos a maravilha de atrair todas as coisas aos pés do Senhor, levantado sobre a Cruz, onde Se deixou cravar de tanto amor ao mundo e aos homens. **Assim, simplesmente, trabalhando e amando Deus nos afazeres próprios da nossa profissão ou do nosso ofício (...), cumprimos o encargo apostólico de colocar Cristo no cume e na entranha de todas as actividades dos homens** (*Carta 11-III-1940*, cf. Andrés Vázquez de Prada, *op. cit.*, p. 350).

Este painel ajuda-nos a meditar o quarto mistério luminoso do Rosário, a Transfiguração do Senhor, porque aquela frase que S. Josemaría ouviu no dia da festa da Transfiguração de 1931 também nos fala de uma exaltação de Cristo. Não como uma visão ostensiva, mas como uma eficácia pujante de frutos de santidade, como um convite aos cristãos para que vejam, com os olhos da fé, Cristo levantado, reinando glorioso nas almas dos seus:

Que belas essas cruzes no cimo dos montes, no alto dos grandes monumentos, no pináculo das catedrais!... Mas também é preciso inserir a Cruz nas entranhas do mundo.

Jesus quer ser levantado ao alto, aí: no ruído das fábricas e das oficinas, no silêncio das bibliotecas, no fragor das ruas, na quietude dos campos, na intimidade das famílias, nas assembleias, nos estádios... Onde quer que um cristão gaste honradamente a sua vida, aí deve colocar, com o seu amor, a Cruz de Cristo, que atrai a Si todas as coisas (*Via Sacra*, 11, 3).

Aspecto do interior da capela lateral, dedicada ao SS. Sacramento.



Entrevista ao Pe. José Guedes

responsável do oratório de S. Josemaria



— **Que tipo de actividades se realizam no oratório de S. Josemaria?**

— Sobretudo a celebração da Eucaristia e o atendimento sacerdotal pessoal.

— **Qual é a actividade mais procurada pelos fiéis?**

— Um dos serviços mais procurados deste oratório são as Confissões, porque os confessionários funcionam durante todo o período de abertura do oratório. S. Josemaria dava grande importância aos encontros pessoais com Deus, nomeadamente a estes momentos de Graça, particularmente intensos, no Sacramento da Confissão.

Temos registado também o interesse e a participação de muitas pessoas nos ciclos de conferências sobre diversos aspectos do Magistério da Igreja, relacionados com a participação dos cristãos na vida social.

— **Como se pode participar nas actividades do oratório?**

— Como em qualquer igreja católica, quem quer que passa na rua pode entrar, assistir àquilo que lhe interessar... Efectivamente, é costume de cada vez maior número de pessoas entrar, nem que seja um minuto, rezar diante do Sacrário e ir à sua vida. Estas idas e vindas não só não perturbam o ambiente do oratório como lhe conferem um carácter mais vivo e acolhedor.

Além disso, o oratório edita mensalmente um boletim e tem uma página na Internet, onde se podem encontrar textos para a oração, documentos da Igreja, notícias das actividades e ligações para outros sites. Deste modo, quem não vive na área de Lisboa também pode acompanhar, de algum modo, a vida do oratório.

<http://oratjosemaria.planetaclix.pt>



S. Josemaria, a Irmã Lúcia e o início do Opus Dei em Portugal

O texto deste artigo é baseado no livro do Pe. Manuel Martinez intitulado *Josemaria Escrivá - Fundador do Opus Dei. Peregrino de Fátima*, Diel, 2002.



Saíra de Madrid no dia 29 de Janeiro, a caminho de Valladolid e Palência e daí para Tuy, onde ia estar com o Bispo. Portugal estava mesmo ali, do outro lado do rio Minho, mas S. Josemaria achava que ainda não tinha chegado a hora de dar aquele passo internacional, na extensão do Opus Dei, nem sequer levava passaporte. Contudo, como se verá, não era essa a opinião de Nossa Senhora de Fátima, de quem ele era muito devoto.

O Bispo de Tuy propõe-se apresentar-lhe a Irmã Lúcia, que naquela época estava num convento em Tuy. S. Josemaria aceita com muito gosto, o Bispo telefona para o convento e, pouco depois, aparece a Irmã Lúcia na casa episcopal. O diálogo começou de uma forma inesperada:

— **Irmã Lúcia, se a Irmã e eu, que recebemos tantas graças de Deus, não formos fiéis, arranjamo-la bonita! Podemos não ir para o Céu!** — disse-lhe S. Josemaria, quando ela entrou.

— **Também eu tenho pensado nisso muitas vezes!** — foi a resposta humilde da Vidente.

Mais tarde, S. Josemaria recordando aquelas primeiras palavras que trocaram, comentava: **Tratei-a com muita firmeza, porque sabia que era uma pessoa santa, e não só não se aborreceu, como até voltou para me dizer que o Opus Dei tinha de ir a Portugal. Repliquei-lhe que não tínhamos passaporte, mas ela respondeu: "disso trato eu já". Fez um telefonema para Lisboa e conseguiu um documento para podermos passar a fronteira.**

Havia vários motivos para não ir naquele momento a Portugal, mas a insistência da Irmã Lúcia foi tão decidida, que não havia maneira de lhe resistir... S. Josemaria meteu-se no carro, com o próprio Bispo de Tuy e o secretário do Bispo, juntamente com o Pe. Álvaro del Portillo e o condutor, rumo a Portugal. O secretário do Bispo de Tuy recorda que, nessa ocasião, S. Josemaria "teve um daqueles gestos simpáticos e afectuosos que lhe eram habituais: perguntou à Vidente se queria alguma coisa para a sua família, que íamos visitar pouco depois. A Irmã Lúcia não queria nada, mas lembro-me de que comprámos uns pães muito apreciados e os levámos à sua família".



Fotografia tirada no dia 6 de Fevereiro de 1945. Da esquerda para a direita: o Pe. Álvaro del Portillo, o Bispo de Tuy, a mãe do Francisco e da Jacinta, S. Josemaria e o Cónego Galamba de Oliveira. O pai do Francisco e da Jacinta não aparece nesta fotografia.

Os viajantes começaram por se dirigir ao Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, que os recebeu com grande amabilidade e, dali, seguiram para Fátima com um dos Cónegos de Leiria, Galamba de Oliveira, conhecido especialista das Aparições. Visitaram a Capelinha e o Santuário, então em construção, e depois foram a Aljustrel, onde moravam as famílias dos Videntes. Foi nesse dia que S. Josemaria escreveu o prólogo à quarta edição do seu livro "Santo Rosário", sublinhando o espírito de desagravo que Nossa Senhora recomendara aos Pastorinhos.

De Fátima seguiram para Lisboa, para se encontrarem com o Cardeal Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, depois para Coimbra, para estar com o Bispo da diocese, e continuaram para Braga.

Regressaram a Tuy no dia 9 de Fevereiro, depois de muitos contactos que foram o início do apostolado do Opus Dei em Portugal. Ao chegarem, conta o secretário do Bispo de Tuy, "a Irmã Lúcia quis voltar a ver o Pe. Josemaria, para lhe agradecer os presentes que oferecera à família".

Em todas as muitas visitas que fez posteriormente a Portugal, S. Josemaria passaria sempre por Fátima e iria ao Carmelo de Coimbra cumprimentar a Irmã Lúcia.

A última viagem de S. Josemaria a Portugal, no ano de 1972. Na esplanada de Fátima, reza a Salve Rainha, numa paragem entre a Basílica e a Capelinha.



Graças obtidas por intercessão de S. Josemaria

Embora o processo de canonização tenha ficado encerrado com a respectiva decisão papal e a cerimónia solene da canonização, continuamos a receber muitos testemunhos de agradecimento por graças concedidas por intercessão de S. Josemaria. Como se torna impossível publicar a maior parte, fizemos uma selecção privilegiando aqueles relatos que são mais breves e se referem a situações comuns do dia-a-dia, que podem ter mais interesse para os leitores deste boletim.

Um dente que ia estragar uma saída de alpinismo

Na sexta-feira fui tirar o dente do siso. A extracção decorreu sem complicações, em poucos minutos. A hemorragia foi pequena e parou no final do dia. A recuperação corria bem. No Domingo, às duas da manhã, sem motivo aparente, recomeçou uma hemorragia contínua, que não consegui estancar. Às 10 horas fui atendido pelo dentista, que mostrou surpresa e a custo, com pontos, consegui controlar a hemorragia. No entanto, não se mostrou convencido e disse que, se continuasse, teria de ir ao hospital.

A perda de sangue continuou até ao almoço. Nessa altura rezei uma novena a S. Josemaria, pedindo-lhe que a hemorragia parasse naquele preciso momento e recuperasse bem. Foi isso que aconteceu. No final do almoço lavei os dentes e não havia sinais de sangue. A partir daí nunca mais perdi sangue.

Uns dias depois parti para a alta montanha, onde caminhei bastante tempo ao sol e onde tive até uma infecção gastrointestinal provocada por água imprópria, que me obrigou a passar dois dias de cama com febre. No entanto, o dente não deu quaisquer problemas. Quando voltei ao dentista, passadas duas semanas, já não tinha pontos e a ferida estava a cicatrizar bem.

J. M. M., Lisboa

O arranjo de um relógio

Enquanto me deitava, caiu-me o relógio da mão, abrindo-se e espalhando-se as peças pelo chão do quarto. Recolhi as peças como pude e tentei remontar o relógio, sem perceber nada de relojoaria e sem os instrumentos adequados. Depois de diversas tentativas o relógio continuava sem funcionar, pelo que o deixei, parado, em cima da mesa de cabeceira. A situação era muito desagradável porque no dia seguinte deveria fazer uma viagem longa, em diversos transportes públicos e com horários apertados. O relógio iria fazer-me falta, pelo que rezei a S. Josemaria para que me ajudasse no dia seguinte. Depois, adormeci. Na manhã seguinte, levantei-me e olhei desanimadamente para o relógio de pulso, que tanta falta me iria fazer nesse dia. Para meu grande espanto, o relógio estava a funcionar e, como pude confirmar depois, marcava a hora certa.

P. C. F., Lisboa

Numa peregrinação a Fátima

Estive em Fátima onde conheci um padre, que me deu uma fotografia de S. Josemaria. Eu rezei-lhe para que me fizesse o milagre, que eu parasse de beber álcool descontroladamente, como tinha acontecido toda a minha vida, desde criança. E aos 65 anos parei de um dia para o outro. Não há coisa neste mundo que eu não fizesse, tratamentos em hospitais... tudo fiz, e não parava. Por isso, estou tão grato a S. Josemaria e gostaria de ter mais informações a seu respeito (...).

M. A., New York (E.U.A.)

Dois favores no Instituto Superior Técnico

Início de Setembro, regresso de férias. Ao ligar o computador, um colega do IST ouve um ruído desagradável de peças metálicas que se entrechocam e raspam: o disco duro está gravemente inutilizado, o computador nem sequer arranca, apenas repete as tentativas de ler o disco, com marteladas cadenciadas.

Como a genialidade científica não exclui uma certa imprevidência relativamente às pequenas coisas do dia-a-dia, grande parte da informação guardada naquele computador, relativa a trabalhos de investigação em curso, a material pedagógico e a avaliações dos alunos, não estava duplicada em mais sítio nenhum e dificilmente poderia ser reconstituída. Não é fácil descrever o estado de espírito de uma pessoa que se depara com um desastre destes, ao regressar de férias. Compreensivelmente, voltou para casa e aí ficou, incapaz de trabalhar, em todo o dia.

(...) Ao final da tarde, na presença de um especialista em informática, os colegas organizaram uma tentativa de ligar o computador. Desmontaram-se algumas partes, colocou-se a unidade de disco na vertical, deram-se-lhe umas pancadinhas, na esperança de soltar alguma peça encravada... Para alívio de todos, o computador reconheceu o disco e foi capaz de o ler!

A alegria foi grande, mas a emoção não diminuiu, em virtude de não se ter conseguido instalar o rato e o teclado. Foi preciso (...) recomençar. Felizmente, o computador voltou a funcionar e, através de uma ligação à rede, foi possível copiar inteiramente o conteúdo do disco para outro computador, com todas as garantias de fiabilidade e redundância.

Quando recebeu, em casa, o telefonema dos colegas a comunicar-lhe que a informação tinha sido salva, o infortunado professor "ressuscitou". Explicaram-lhe que tinham pedido insistentemente a S. Josemaria Escrivá que resolvesse aquele apuro desesperado.

Escusado será dizer: o disco nunca mais voltou a trabalhar bem. Foi condenado a ser despachado para sucata, como merecia.

Poucos dias depois, uma instalação experimental utilizada por uma parte do nosso grupo de investigação ficou inutilizada em virtude de um curto-circuito aparatoso. Pelas marcas de fumo da respectiva caixa, concluiu-se que o motor principal teria ficado queimado, além de um quadro eléctrico, cujos fios fundiram parcialmente. O orçamento previsto para a reparação atingia verbas muito elevadas.

Dadas as características do equipamento, que não é de série, a primeira visita da firma construtora para averiguar a dimensão da avaria e programar a reparação não se pôde efectuar imediatamente e ficou marcada para o final do mês de Setembro. Deste modo, fiquei com tempo para fazer uma novena a S. Josemaria, para que o problema se solucionasse sem custos tão elevados como os previstos e sem demoras graves para o trabalho das pessoas envolvidas.

Uma vez desmontada a carcaça do motor, verificou-se que os danos eram muito superficiais e a reparação do quadro eléctrico foi uma tarefa relativamente simples.

M.A., Lisboa

Alguns livros de S. Josemaria e algumas biografias



Universidad de Navarra
Servicio de Bibliotecas